

O desenvolvimento do ser social no cenário atual é um desafio para a formação de educadores

The development of the social being in the current scenario is a challenge for the training of educators

DOI:10.34117/bjdv7n5-201

Recebimento dos originais: 07/04/2021

Aceitação para publicação: 11/05/2021

Silmara de Mattos Sgoti

Doutoranda do Programa de Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP – Brasil, mestre em Comunicação Social – Universidade Metodista de São Paulo – SP - Brasil, professora convidada da pós-graduação no Centro de Ciências Sociais Aplicada (CCSA) da Universidade Presbiteriana Mackenzie e professora do ensino profissionalizante técnico do SENAC São Paulo, residência Rua Joá 100 – Alto da Mooca – SP - Brasil, e-mail: sil.sgoti@gmail.com

Sebastião Jacinto dos Santos

Doutorando do Programa de Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP – Brasil, mestre em Ciências Humanas – Universidade Santo Amaro – SP -Brasil, professor de filosofia na Secretária de Educação do Estado de São Paulo e professor de ensino fundamental na Secretária de Educação do Município de São Paulo, residência Rua Prof. Cardoso Rangel, 316 – Parque São Paulo – SP – Brasil, e-mail: sebastiaojacinto@hotmail.com

RESUMO

O artigo objetiva promover a reflexão sobre os desafios da formação do educador no contexto social atual e o desenvolvimento do Ser Social. A fonte principal para as justificativas são as obras de Baumann, que veiculam a ideia de que, no mundo líquido moderno, de fato, a solidez das coisas, tanto quanto a solidez das relações humanas, vem sendo interpretada como uma ameaça: a valorização do ter sobre o ser. À luz de Dussel e de Paulo Freire, é possível pensar em práticas pedagógicas libertadoras, que possibilitem ao sujeito ser crítico e problematizador, com autonomia para realizar suas escolhas e desenvolver soluções para transitar em uma sociedade moderna e líquida. A proposta é refletir sobre uma formação do educador para o desenvolvimento do Ser Social em sua integralidade. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) indica a importância de interagir, explorar, colaborar, ter empatia e ética e aponta para a necessidade de mediar capacitações socioemocionais, para os sujeitos lidarem com as relações humanas e com a rápida transformação provocada pela tecnologia. A partir da pedagogia social, propõe-se pensar em um desenvolvimento crítico em relação às mazelas sociais presentes no mundo moderno e líquido e assim desenvolver um sujeito criativo e atuante na sociedade em que está inserido. Para isso, consideramos que é preciso revisitar a formação docente e refletir sobre a formação inicial e continuada nos cursos de pedagogia e licenciatura, que precisam considerar os desafios para o exercício da docência em sala de aula na contemporaneidade.

Palavras-chave: Formação do Educador, Ser Social, Educação, Pedagogia Social, Autonomia.

ABSTRACT

The article aims to promote reflection on the challenges of educator training in the current social context and the development of the Social Being. The main source for the justifications are the works of Baumann, which convey the idea that, in the modern liquid world, in fact, the solidity of things, as well as the solidity of human relations, has been interpreted as a threat: the valorization of the have about being. In the light of Dussel and Paulo Freire, it is possible to think of liberating pedagogical practices, which enable the subject to be critical and problematizing, with autonomy to make his choices and develop solutions to move in a modern and liquid society. The proposal is to reflect on an educator's training for the development of the Social Being in its entirety. In this sense, the National Common Curricular Base (BNCC) indicates the importance of interacting, exploring, collaborating, having empathy and ethics and points to the need to mediate socio-emotional training, for the subjects to deal with human relationships and the rapid transformation brought about by technology. Based on social pedagogy, it is proposed to think about a critical development in relation to the social ills present in the modern and liquid world and thus develop a creative and active subject in the society in which he is inserted. For this, we consider that it is necessary to revisit teacher training and reflect on the initial and continuing training in pedagogy and undergraduate courses, which need to consider the challenges for the exercise of teaching in the classroom in contemporary times.

Keywords: Educator training, Being Social, Education, Social Pedagogy, Autonomy.

1 INTRODUÇÃO

A reflexão sobre os desafios dos educadores no desenvolvimento do Ser Social - autônomo em suas decisões, crítico ao cenário posto e participante da transformação da vida social, de forma política e consciente da realidade em que está inserido – aponta para a necessidade de uma breve análise do atual cenário sociológico no qual esse ser está inserido, levando em conta que o educador terá esse cenário como âmbito educacional para seu desenvolvimento.

A formação de educadores, no atual cenário, precisa dar conta das profundas transformações que a sociedade vem passando nos últimos anos. Os cursos de formação de educadores, da graduação a cursos de pós-graduação e extensão, necessitam propor a reflexão sobre o cenário em que o educador irá trabalhar e como ele fora construído. Ao desenvolver uma pesquisa de campo em instituições educacionais escolares, muitas vezes, nos deparamos com educadores doentes, trabalhando em ambientes de conflitos - violência física e verbal – em que a ausência de diálogo é uma realidade. Não raramente, encontramos alunos e educadores desmotivados e doentes; alunos reativos ao ensino

proposto pelo professor, não de forma crítica e sim por meio de comunicação violenta, por não encontrarem sentido no que está sendo proposto como educação. Além disso, é comum haver professores distantes nas relações, com mínima aproximação dos alunos, devido ao medo de sofrer com a violência ou por não ter preparo para lidar com os conflitos que possam surgir.

No que diz respeito aos discentes, o quadro geral apresenta alunos com questões emocionais latentes: crise de ansiedade, depressão e, infelizmente, em situações mais graves, alguns chegam ao suicídio. Esses educandos são tomados por falta de perspectiva e, muitas vezes, têm seus sonhos roubados, visto que muitos estão em situação de vulnerabilidade social e, na largada da realização do seu projeto de vida, percebem que já estão em desvantagem. Assim, não encontram sentido na educação proposta e, por vezes, nem na própria vida.

Essa realidade ainda é acentuada pelo distanciamento entre as instituições educacionais e a comunidade de seu entorno. A comunidade, com todas as suas demandas sociais - violência doméstica, crescente comercialização e utilização de drogas, fome e desemprego - faz parte da vida dos sujeitos e o ser que participa dessa estrutura social é o mesmo que vem para dentro da instituição de ensino.

Em contrapartida, presenciamos, no âmbito escolar, educadores que propõem ações para que os fatores mencionados sejam minimizados, de modo que o propósito do desenvolvimento desse Ser Social seja um objetivo a ser alcançado. Entretanto, essas ações são difusas e não há compartilhamento entre os educadores no Brasil, que continuam nos estanques das suas especialidades disciplinares. Temos uma questão séria a ser pensada e ela diz respeito a como ações que promovem práticas educacionais relevantes podem vir a ser disseminadas em maior escala. Essa é outra questão a ser refletida.

Diante da complexidade de como vem se desenvolvendo a arquitetura do social no Brasil, é urgente e pertinente compreender qual é a real finalidade da educação. Será que todo professor é um educador social ou é necessário ser educador social para ser professor? Essa reflexão passa pela discussão da formação do educador.

Para contribuir com a reflexão sobre a formação do educador e o desafio do desenvolvimento do Ser Social, tendo em vista a atual arquitetura social, podemos dialogar com o sociólogo Bauman (2001), que constrói, em suas reflexões sobre a educação, um modelo sociológico que utiliza as metáforas da solidez e da liquidez.

Quando se refere à educação, com base na sociologia crítica, em tempos líquido-modernos, o autor diz que a sociedade, desdobrada a partir da segunda metade do século XX, vem sofrendo grandes mudanças no cenário das políticas, que impactam profundamente as exigências constituintes dos indivíduos, principalmente no mundo do trabalho, na economia nacional e global, na educação e suas demandas, na cultura e nas relações pessoais e interpessoais.

Bauman (2013) sugere que o século XX é marcado por uma sociedade sólido-moderna, nascida da reorganização da sociedade para a produção de bens e serviços, proporcionando um rearranjo das conjecturas sociais, para a predominância do bem-estar social. O engajamento dos indivíduos permite um arranjo social que proporciona representações dos grupos sociais e, ao mesmo tempo, leva ao comportamento subjetivo forjado, muitas vezes, pela violência em aceitar o pré-estabelecido que, para Bauman era “na prática, a cruzada pela ética do trabalho, era a batalha para impor o controle e a subordinação” (BAUMAN, 1999, p. 21). Nesse sentido, era necessário adiar a busca pelos prazeres individuais como fruto da garantia da arquitetura social, em que predomina o desprendimento total para o trabalho, em conformidade com uma participação que promovesse um projeto de vida enraizado na sociedade a qual o indivíduo está vinculado.

Para Bauman (2013), o arranjo social a ser promovido pela sociedade sólida-moderna, nos planos da educação (*bildung*), assentava-se nos princípios das semelhanças da paideia (*παιδεία*) grega, em que se promovia a educação das crianças como “mediação para toda a vida”. Nesse formato, a educação familiar desponta como baluarte de preservação ética da sociedade, por se apresentar como essência e necessidade para a formação do homem, assim como exemplo a ser retomado por outras sociedades.

É compreensivo a ocorrência da educação grega como mediação das estruturas sociais em que os padrões devem se manter, principalmente pela lógica das estruturas familiares, a partir da qual fica garantido que não existe crise para a formação do sujeito integrado ao seio familiar. Se a sociedade, no campo político ou em qualquer outra área social, entrasse em crise, estaria salvaguardada a preservação de uma parcela das conjecturas sociais, com a promoção do acúmulo de conhecimentos, mas, como garantia, o indivíduo era levado a se comprometer com a cidadania.

Ao promover o consumismo e a individualidade, os rearranjos da modernidade líquida se distanciam das propostas da educação grega e entram na dinâmica da educação institucionalizada, cuja metamorfose social promove novas crises, diferentes da realidade

da sociedade do passado. Ressurgem os interesses do mundo do trabalho e a educação passa a ser determinante para o direcionamento de novos sujeitos sociais, que precisam atender ao que o mercado de produção de consumo almeja. Embora as características intrínsecas dos arranjos sociais líquidos, modernos, consumistas e individualistas prevaleçam, entra em jogo uma noção liquidificada da educação, que promove muitas frentes de formação, mas continua distante da preparação do ser humano para “toda a vida”.

O jogo promovido pela sociedade líquida acaba por admitir e, ao mesmo tempo, refutar a formação do “sujeito ético”, como elemento perturbador dos impasses a serem enfrentados nas empresas que promovem os bens de consumo. É que a própria sociedade promove a necessidade da formação de um indivíduo silencioso, resguardado pelas necessidades pessoais e cuja única garantia almejada é a promoção das suas necessidades. É necessário que ele sinta que, no final do mês, é mais importante ter dinheiro para pagar as contas de água, luz, telefone e manter as suas necessidades básicas do que ficar desempregado. Bauman (2008, p. 163) nos leva à compreensão de que esse “arranjo social promove a desagregação das identidades na perspectiva universal, com a diminuição da autonomia e da participação do indivíduo como agregado indispensável”. Na educação, há meios de instruções que priorizam a formação da identidade para o processo de privatização. Aos poucos, abandona-se a valorização da autonomia, com a dispersão das autoridades e a multiplicidade de mensagens que modifica a valorização da vida e promove a sua fragmentação.

Uma mudança educacional está cada vez mais ligada ao discurso da eficiência, da competitividade, do custo/eficácia e da responsabilidade, sendo sua meta declarada comunicar à força de trabalho as virtudes da flexibilidade, da mobilidade e as competências de base associadas ao emprego.

Um dos desafios decisivos da educação permanente está ligado à reconstrução do espaço público, cada vez mais desabitado, de modo que homens e mulheres possam empenhar-se em uma realização contínua dos interesses, dos direitos e dos deveres individuais e comunitários, privados e públicos. Nessa situação, a capacidade de interação com os outros representa o que mais temos necessidade de oferecer à esfera pública, numa justa possibilidade de renascimento, por meio do diálogo, da negociação, da gestão e da resolução dos conflitos, inevitáveis em todos os exemplos de vida em comum.

Somos instigados a perceber os múltiplos ângulos das armadilhas do tempo contemporâneo, cuja complexidade vislumbrada por Bauman (2014) nos coloca na encruzilhada entre a provável liberdade de consumo nos outorgada e a necessidade de saber como lidar com a frustração e as depressões das promessas inatingíveis ou para poucos.

Os referenciais de Bauman para referendar qual é o atual “lugar” da educação confirmam-se nas visões de Arendt (2013) e Castoriadis (1999). Para Bauman (2014, p. 171), a lógica da educação baseia-se na “[...] preparação de recém-chegados à sociedade para a vida social na qual estão se qualificando a fim de nela ingressar”, como forma de almejar o trânsito social, em sociedades complexas e desafiadoras.

A Educação, na sociedade líquida, necessita considerar ser uma mediadora na formação do Ser Social em todas as suas dimensões, de modo a proporcionar ao sujeito, nesse mundo incerto, de constantes mudanças, possibilidades de lidar com os desafios do cotidiano com habilidade e capacidade de escolhas. Isso pressupõe uma educação integrada e com aprendizado contínuo: das informações e conhecimentos somados a habilidades socioemocionais.

Portanto, vemos, nas reflexões de Bauman (2014), relevantes apontamentos para uma formação de educador mais aderente ao mundo moderno, que apresenta estruturas sociais líquidas, fluidas e hipersaturadas de informações. É necessário pensar em cursos de formação de educadores que dialoguem sobre esse mundo moderno líquido, a atuação do educador no desenvolvimento do Ser Social no cenário atual, e qual o lugar da educação nesse processo.

2 O DESAFIO DA FORMAÇÃO DO EDUCADOR NO CENÁRIO ATUAL

Visualizamos, nestes tempos líquido-modernos, notáveis modificações no campo da educação, no próprio significado do conhecimento e na sua forma de produção, distribuição, aquisição, assimilação e utilização. Nesse sentido, a educação precisa se alimentar não apenas de conhecimento, mas de pensamento crítico.

O papel dos educadores é central na educação escolar, visto que ela se concretiza a partir da ação dos trabalhadores da educação, nas condições estruturantes de políticas e programas educacionais e das posturas legislativas. No entanto, seu trabalho também se constitui a partir de mediações e relações constituídas no campo da ação cotidiana, nas dinâmicas escolares, em processos dialógicos onde se criam espaços de práticas

conservadoras e/ou transformadoras, que geram, na simultaneidade das relações pedagógicas, alunos-professores e possibilidades de recriações de sentidos e significações de conhecimentos e valores pelas intersubjetividades.

A questão da formação de professores torna-se um problema social, na medida de sua relevância e por conta do trato incerto que tem merecido mediante políticas descontinuadas e pela pouca discussão social relativa a seu valor social concreto na contemporaneidade, bem como sobre os fundamentos dessa formação e das práticas a ela associadas.

Discutir a formação de professores, analisando ações políticas e dados educacionais que despontaram durante a década atual é fundamental. Assim, propõe-se uma visita aos documentos relativos às políticas docentes e às formações, inicial e continuada, aos dados relativos à educação básica e à docência nesse nível educacional, aos dados relativos aos estudantes nas licenciaturas e aos formadores de professores, de modo a garimpar quais mudanças revelam-se nesse cenário, investigando possíveis inovações emergentes em legislações, normas, orientações, propostas de cursos e propostas formativas em serviço. Como pano de fundo e referência para compreensão de situações atuais, apresenta-se uma visão da história da formação de professores no país e os desafios que, na sociedade contemporânea, são colocados aos processos de escolarização e de formação para o exercício da docência.

A educação ainda se encontra envolta nos grandes ideais das metanarrativas modernas, porém, como apresentado, percebemos que essas metanarrativas não sustentam com firmeza os pilares modernos, os quais estão abalados diante das transformações ocorridas na denominada modernidade líquida.

Para Bauman (2014), embora os poderes do atual sistema educacional pareçam limitados e ele próprio seja cada vez mais submetido ao jogo consumista, esse sistema ainda tem poderes de transformação suficientes para ser considerado um dos fatores mais promissores para essa revolução. Há um menosprezo desalentador com que se trata a escola. Entretanto, é pela escola que deveríamos recomeçar, pois a escola tem a “capacidade de representar fielmente o mundo. Mas como fazer quando o mundo muda de uma forma que desafia constantemente a verdade do saber existente, pegando de surpresa até os mais “bem-informados?” (BAUMAN, 2010, p. 43).

No passado, a educação assumia muitas formas e adaptava-se às circunstâncias mutáveis. Entretanto, as mudanças presentes são diferentes e pressupõem desafios nunca

antes enfrentados. “A arte de viver num mundo hipersaturado de informação ainda não foi apreendida. E o mesmo vale também para a arte ainda mais difícil de preparar os homens para esse tipo de vida” (BAUMAN, 2010, p. 60).

O trabalho pedagógico é a essência das atividades escolares e, portanto, a essência do trabalho dos professores. Trabalho que, como em outros setores da atividade humana, precisa ser aprendido e para o qual já se consolidaram conhecimentos. A docência deixou de ser uma ação espontânea, que pode ser desenvolvida por intuição apenas, para se tornar campo de ação com base em fundamentos filosófico-sociais, histórico-psicológicos e em práticas específicas, que demanda domínio de conhecimentos integrados a conhecimentos científicos e humanistas, a fim de concretizar uma ação educacional voltada às novas gerações, cujo cerne se constitui por linguagens, tecnologias e estruturas interpretativas.

Os conhecimentos integrados precisam ser a base de formação do educador, conseqüentemente, devem estar presentes nos cursos de formação inicial e continuada. A concepção defendida por Rodrigues (1991) ecoa em muitas das discussões atuais. O autor considera a educação escolar como “[...] o processo mínimo indispensável para que todos os indivíduos de uma determinada sociedade histórica completem a sua adequada formação humana para que se tornem um ser social, ou melhor, um ente cultural” (RODRIGUES, 1991, p. 15).

Ao que acrescenta que “sem a Educação Básica, os indivíduos historicamente existentes são seres culturalmente incompletos, logo parcialmente interditados para o pleno gozo de todos os recursos disponíveis na vida social” (RODRIGUES, 1991, p. 12). Essa concepção coloca a educação escolar em outro patamar, assim como coloca a formação de professores numa perspectiva que discute o privilégio dado apenas aos conhecimentos formais e, sem desprezá-los, coloca-os na intersecção com uma formação integral e mais integrada de pessoas em seu contexto histórico-social.

O que Rodrigues (1991) nos propõe consiste em considerar o trabalho dos professores como profissionais do ensino, tendo em vista a necessidade de oferecer às novas gerações condições de apropriação de conhecimentos relevantes à vida humana, conhecimentos sobre a natureza e a vida social e comunitária, mas também envolve a formação de pessoas baseada em valores, atitudes, relações construtivas, colaborativas, ou seja, a formação dos sujeitos como pessoas que partilham responsabilidades. A

formação em destaque é aquela que lhes permita exercer a cidadania com a consciência clara de direitos e deveres, dos cuidados de si e do outro e do valor do meio ambiente.

Nessa perspectiva, a formação abrange não só os conhecimentos relativos à área de atuação do profissional ou ao domínio de metodologias e práticas essenciais ao desenvolvimento de seu trabalho, mas deve estar associada a esses conhecimentos uma formação cultural e humanista, que permita ao sujeito compreender e problematizar a realidade social e seu trabalho futuro: ensinar formando a outrem e, nessa relação, formando-se continuamente, também.

3 A PEDAGOGIA LIBERTADORA: A POSSIBILIDADE DA FORMAÇÃO DO SER SOCIAL

A formação qualitativa do educador é a mola propulsora de um sistema educacional que dê conta de lidar com as necessidades da sociedade líquido-moderna. Esse educador mediará conhecimento para a formação de um sujeito autônomo, reflexivo, pensante, criativo, cooperativo e inventivo. Freire (1996) enfatiza a formação do professor com base na prática educativa reflexiva, fundada na ética, no respeito, na autonomia do aluno e colocada em prática por meio de uma pedagogia libertadora.

Cabe, agora, voltarmos-nos à relação entre educador e aluno. Se a pedagógica se constitui como nível indispensável para a possibilidade de uma nova ordem, o espaço da sala de aula se apresenta como muito mais importante do que lugar de um mero exercício profissional do docente. Ali trava-se uma relação que, em âmbito micropolítico, tem ressonâncias macropolíticas. Dito de outro modo, a sala de aula é o espaço onde se ensaia – e, em certa medida, realiza-se, de fato – uma nova ordem, não baseada na submissão do aluno ao professor, mas sim na relação de alteridade, visto que a educação se dá no campo das relações, na aproximação professor/aluno.

A pedagógica de Dussel aponta para a superação de “uma prática de educação dominadora, com vistas à constituição de uma prática libertadora” (HICKER, 2005, p. 66). Isso porque, na educação baseada na submissão, o aluno se anula e é anulado no processo de estudo. Ele não é livre e, portanto, não poderá desenvolver em si nenhuma perspectiva libertadora. Uma prática docente que tenha a libertação como horizonte deverá ter como características a "dialogicidade, a criticidade, a criatividade e a participação democrática" (HICKER, 2005, p. 68).

Para Dussel, a passagem do modelo dominador, em sentido amplo, que gera alienação do oprimido, para um modelo que produza a liberdade, a consciência crítica, só se dá "pela libertação pedagógica" (DUSSEL, 1973, p. 144). Ao tratar da aplicação da pedagógica, considerando diretamente a relação entre mestre e discípulo ou professor e aluno, Dussel faz referência a dois modelos que se contrapõem – a ontologia da totalidade e a metafísica da alteridade: “Tudo está em que método pedagógico se deve utilizar. Há métodos que lutam contra a Totalidade pretendendo instaurar uma nova dominação; há outros que negam a Totalidade fechada e intentam abri-la à Alteridade” (DUSSEL, 1973, p. 144).

Podemos argumentar que a pedagógica, conceito integrante da filosofia de Dussel, “propõe uma leitura crítica da atitude do professor e dos modelos educacionais existentes”, de forma a questionar “os conteúdos e todo o sistema sócio-político e econômico” (HICKERT, 2005, p. 70). Está aí a base de uma educação crítica: “aquela que, ao contrário do modelo dominador, considera o aluno como sujeito” (KESTRING, 2003, p. 55).

O pensamento de Paulo Freire vai na mesma direção de Dussel, sobretudo no aspecto dialógico. Freire se insurge contra um modelo social desumano e educacional narrativo/dissertativo que encerra a relação mestre-educando na referência opressiva do sujeito ativo e do objeto passivo (FREIRE, 1983). As relações, no modelo proposto por Freire, dão-se em pé de igualdade; daí a expressão freiriana clássica, segundo a qual “ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1983, p. 79).

A educação dialógico-problematizadora tem como horizonte último a libertação dos oprimidos; por isso, o pedagogo mesmo define seu lugar: “O meu ponto de vista é o dos 'condenados da Terra, o dos excluídos” (FREIRE, 1996, p.16).

Torna-se possível, ainda, evidenciar a relevância política da relação professor/aluno, que realiza na sala de aula um ensaio para a vida social, ou seja, ali se prepara uma sociedade que pode se guiar pelo princípio da totalidade dominadora ou sob a perspectiva da alteridade libertadora. Aproximando Dussel de Freire, o estudo da pedagógica se associa ao estudo da educação problematizadora, tornando-se possível tomar a educação no seu papel político fundamental: a formação de um povo, de uma nação, de um Estado. Isso nos faz pensar que, na perspectiva dusseliana, a educação: “[...] tem por missão também o desenvolvimento da consciência de responsabilidade ética entre

professores, alunos, direção e sistema educativo, contribuindo com a formação de cidadãos responsáveis na sociedade” (KESTRING, 2003, p. 65).

Com isso, podemos dizer que a pedagógica levanta a possibilidade da crítica não só ao aspecto restrito da relação entre professor e aluno e mesmo ao chamado sistema educacional, mas a todo o modo de organização da sociedade.

Eis um ponto que merece aprofundamento: para pensar numa realidade de libertação entre pais e filhos, professor e aluno e na vida social, torna-se igualmente necessário realizar a crítica ao modelo estrutural de sociedade latino-americana, fundado sobre a dominação, a alienação e a exploração, com vistas a modificá-lo. É um desafio imenso, que exige de nós não apenas empenho teórico, mas, sobretudo, a adoção daquilo que Freire denominou como o ponto de vista dos condenados da terra.

Vemos na atuação do educador social, que tem como base de formação a Pedagogia Social, uma luz para iniciar uma discussão de formação pedagógica que permita ao professor da educação formal institucionalizada dar conta das demandas sociais atuais na sociedade moderna e líquida. Como diz o autor Souza Neto (2010) sobre a atuação do educador social,

O contexto de ação do educador social, caracterizado pela ação de grupos religiosos ideológicos e organizados, disputas políticas religiosas, experiências de injustiças, perdas e frustrações, exige dele capacidade de intervir pedagogicamente na realidade e de mediar relações, para abrir perspectivas de desenvolvimento individual e social (SOUZA NETO, 2010, p. 29).

Esse contexto em que o educador social está inserido difere do âmbito escolar formal, seja nas escolas públicas ou privadas, em que atuam os professores, mas é certo que há presença de pontos críticos muito semelhantes. A escola é celeiro da sociedade, que convive hoje com uma grande pluralidade social, étnica e religiosa, onde, infelizmente, por vezes, há discriminação e exclusão de grupos de maior vulnerabilidade.

Há uma grande preocupação com os jovens nas escolas, onde os índices de suicídios vêm crescendo no Brasil entre 15 a 29 anos. O Boletim Epidemiológico da Secretária da Vigilância da Saúde, departamento do Ministério da Saúde do governo federal brasileiro, traz o perfil epidemiológico dos casos notificados de violência

autoprovocada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, 2011 a 2018¹. O artigo “Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015” publicado no conceituado *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* (2109)² diz que a adolescência é um período de transição em que o indivíduo é especialmente vulnerável a reagir com atitude suicida em resposta a conflitos e que a “história de adoção, homossexualidade, bissexualidade ou o questionamento da orientação sexual, história de abuso sexual, depressão e outros transtornos psiquiátricos, estresse pós-traumático, abuso de substâncias e uso patológico de internet estão entre fatores de risco para o suicídio entre adolescentes’.

A pesquisadora Denise de Michelli (2014) diz que “conectados, esses jovens podem sofrer consequências ainda mais profundas, 82% dos estudantes se preocupam com o que pode estar acontecendo nas redes sociais enquanto está ausente; 65% resistem ao sono ou dormem pouco para continuarem on-line; 61% acreditam ficar menos tímidos e mais seguros ao conversarem por meio de aplicativos de mensagens; 45% dizem sentir alívio no dia a dia; 30% sentem-se menos ansiosos; e 23% menos sozinhos”³.

A incapacidade de lidar com o stress e frustrações do mundo moderno, tem levado cada vez mais jovens utilizarem ansiolíticos para conter o processo de pensamentos acelerados, déficit de atenção e crises de ansiedades.

Questões do mundo moderno que estão no âmbito escolar e que muitas vezes não vemos um pensar educacional para estas questões. É urgente uma preparação para o educador atuar neste cenário desafiador.

Em relação aos adultos, a mão de obra exigida pelo atual mercado de trabalho pede que eles se qualifiquem e se adaptem às novas tecnologias, de modo a garantir sua sobrevivência no mundo do trabalho. Assim, convivem com o fantasma do desemprego e estão cada vez mais expostos à opressão que gera depressão, e sem dizer a exclusão digital, pois muitos não têm meios de acesso a tecnologias exigidas.

¹ Disponível em < <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/setembro/13/BE-suicidio-24-final.pdf> >. Acesso em 24 abr. 2020.

² Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v68n1/1982-0208-jbpsiq-68-01-0001.pdf> > . Acesso 24 abr. 2020.

³ Disponível em < <https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/2208-jovens-desenvolvem-dependencia-de-redes-virtuais#:~:text=Segundo%20as%20pesquisadoras%2C%2082%25%20dos,mensagens%3B%2045%25%20dizem%20sentir%20al%C3%ADvio> > . Acesso em 24 abr. 2020.

Portanto, a mesma capacitação para um educador social é necessária para o professor que atua em sala de aula na educação institucionalizada. É preciso ter preparo para intervir nas situações postas por alunos que estão cada vez mais doentes emocionalmente. E, assim, recorreremos à reflexão de Souza Neto (2010) sobre o educador social. O autor afirma que “sua capacidade criativa e seu modo de intervenção constituem um tecido social que ajuda a compreender e extrair forças libertadoras de uma sociedade multiforme, contraditória e desafiadora” (SOUZA NETO, 2010, p. 29) .

Como Bauman (2013) coloca, a educação está inserida nesse contexto e precisa de uma pedagogia que dê conta de formar um sujeito que saiba transitar e produzir transformação social ou minimamente intervir politicamente para ter uma vida coletiva melhor. Para tanto, o educador é chamado a contribuir para o desenvolvimento de um sujeito integral, por meio da implementação de práticas pedagógicas emancipatórias, o que só ocorre se sua formação for mediada por um processo de ensino-aprendizagem em que ele seja o protagonista. Nesse sentido, a educação social desenvolve o sujeito em todas as dimensões, pois

A Educação Social leva em conta o desenvolvimento físico, moral, estético e intelectual de grupos em conflito social, marginalizado, com dificuldades econômicas e que necessitam desenvolver processos de convivência e aprendizagem [...] Portanto somente será possível pensar em uma prática emancipadora quando se levar em conta o protagonismo do sujeito (SOUZA NETO, 2010, p.34).

É certo que o âmbito escolar institucionalizado, dito formal, difere do contexto da atuação do educador social, que extrapola os muros das escolas, de forma que nem todo educador social atua como um professor formado pelas pedagogias praticadas no âmbito escolar formal. Porém, é possível e imprescindível que todo professor seja formado para ser um educador social, pois esse tipo de capacitação é apropriada para atuar no âmbito escolar na modernidade líquida e mediar uma educação que leve em consideração o sujeito protagonista, autônomo nas suas decisões e com um olhar mais coletivo, problematizando as questões sociais e pensando em soluções para as mazelas tão latentes em nossa atualidade. E assim, quem sabe, romper com o cenário educacional institucionalizado atual, em que “o que prevalece, sobretudo nas escolas, é preparar o sujeito para ser produtor e consumidor do mercado. Tudo se transforma em estruturas de concreto, metal, plástico e vidro, para a garantia do consumo ainda que isso prejudique a vida das pessoas e do planeta” (SOUZA NETO, 2010, p. 34).

A educação social, desenvolvida sob a égide da pedagogia social, traz possibilidades para o professor da educação formal atuar como um mediador mais sincronizado com as demandas sociais originadas na atual sociedade moderna e líquida. Trata-se de uma forma de preparar para relações sociais, cada vez mais fluídas, fragmentadas, individualizadas, consumistas e com a perda substancial do olhar coletivo para as mazelas sociais.

4 UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE NA CONTEMPORANEIDADE

Diante do cenário nacional e internacional em que se multiplicam os conflitos de ordem política, com o encolhimento dos direitos a uma educação de qualidade, as indagações sobre a qualidade do educador que se pretende formar deve ser consenso nas universidades e institutos de ensino, pois se a baixa credibilidade já vinha sendo colocada em cheque, é preciso assegurar meios que desafiam as novas conjecturas sociais.

Já está mais do que evidente que, para a formação docente, não existe um único meio, mais muitas maneiras e modos de preparar o futuro profissional da educação para assumir seus propósitos futuros. As universidades e institutos de formação têm enfrentado desafios para adequar suas ementas disciplinares ao contexto social vigente e, embora alinhados com o jogo de interesses do mercado de trabalho, a tendência é que se questione, com estudos e pesquisas, o papel real das tecnologias digitais, que não podem mais ser dissociadas da atuação pedagógica do licenciado.

Embora as mudanças sociais necessitem, com amplas exigências, de novos técnicos e profissionais que desafiem as mudanças ocorridas principalmente no mudo tecnológico, é de se esperar que não ocorra a valorização dos princípios éticos e as bases de humanidades do sujeito no enfrentamento das novas realidades. Nesses propósitos, a educação do Ser Social se adéqua às exigências da educação social, que valoriza a totalidade do indivíduo nas dimensões comunitária, educativa, pessoal e humana, a garantia de adequação das tecnologias para a preservação do meio ambiente e a preservação dos bens sustentáveis que garantem a continuidade do bem-estar e da vida.

5 CONCLUSÃO

O mundo está mudando: existe tecnologia e muita difusão de conhecimento. O trabalho e o cotidiano são outros, se comparados com a realidade de poucos anos atrás.

Por isso, há diversos países que repensam seus padrões e currículos. Os alunos têm um papel de liderança e trabalham em equipe.

A necessidade do protagonismo do sujeito autônomo, crítico-problematizador em todas as suas dimensões – política, social e econômica – tem como desafio proposto ao educador mediar uma educação que seja um trânsito para o desenvolvimento do Ser Social, como dizem Dussel e Freire: libertadora - na base das reflexões e críticas da sociedade em que está inserido.

Para tanto, é necessário pensar em uma formação inicial e continuada de educadores a partir de um currículo integral, que trabalhe os aspectos científicos tecnológicos, mas em igual valor os processos humanísticos e social-filosóficos.

O novo currículo brasileiro homologado em dezembro de 2018, a Base Nacional Comum Curricular⁴ (BNCC), indica a importância de interagir, explorar, colaborar, ter empatia e ética. É importante lidar com a aprendizagem socioemocional, até porque isso vai ser necessário na aquisição dos conteúdos. Por toda a vida, como já dizia Paulo Freire, as pessoas precisam aprender, se sentir capazes de desenvolver sua própria identidade como pessoa capaz de saber mais.

Mas como nem sempre os professores tiveram a vivência de aprender dessa forma, é importante pensar na formação com outros processos pedagógicos, como possibilidade citamos no texto a Pedagogia Social. Às vezes, não basta ler para incorporar ideias, é preciso viver novas experiências em um pensar educacional de outras pedagogias, que atendam as premissas da proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Além disso, as políticas de contratação, retenção e salário também devem ser levadas em conta, porque moldam o desempenho e a aprendizagem profissional dos educadores.

⁴ Base Nacional Curricular. Educação é a Base. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>> . Acesso em 24 abr. 2020.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 7. ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BAUMAN, Z. **Trabajo, consumismo y nuevo pobres**. Barcelona: Gedisa, 1999.
- _____. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- _____. **Sobre educação e juventude**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- _____. **Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CASTORIADIS, C. **Encruzilhadas do labirinto V: Feito e a ser feito**. Trad. Lílian do Valle. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- CICOGNA, Júlia I.R, HALLAL, Ana L C., HILLESHEIM, Danúbia. Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, 68 (1), 2019. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v68n1/1982-0208-jbpsiq-68-01-0001.pdf>>. Acesso em 24 abr. 2020.
- DUSSEL, E. **Para una ética de la liberación latinoamericana I**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1973.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, P. **Filosofía de la liberación**. 4. ed. Bogotá: Nueva América, 1996.
- HICKER, C. **Enrique Dussel: o professor à luz do conceito de mestre em uma práxis pedagógica libertadora**. 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.
- KESTRING, B. **Educação política do professor e a formação para a cidadania**. 2003. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2003.

RODRIGUES, N. Responsabilidade do estado e da sociedade. **Tecnologia educacional**, [s.l.], v. 20, n. 101, p. 12-19, 1991.

RUZ, Fernanda Alves Davidoff. **O impacto do uso de mídias digitais na qualidade de vida de adolescentes. 2014.** 99 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2014.

BRASIL, Ministério da Saúde, Secretária da Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico.** Vol. 50, nº 24, Set. 2019. Disponível em <<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2019/setembro/13/BE-suic--dio-24-final.pdf>>. Acesso em 24 abr. 2020.

SOUZA NETO, J. C. . Pedagogia Social: Formação do educador social e seu campo e atuação. **Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES** , v. 16, p. 29-64, 2010.